

Romantismos na província: A recepção dos discursos românticos na imprensa piauiense

Romanticisms in the province: the reception of romantic speech in the nineteenth-century piauien press

Pedro Henrique de Sousa MOREIRA¹

Natália Gonçalves de Souza SANTOS²

RESUMO: É possível dizer que poucos movimentos literários tiveram a consciência de sua importância histórica como o Romantismo e, em especial, o brasileiro que, na esteira da independência política, tomou a si a missão de constituir os símbolos da nacionalidade, um passado heroico e, mais importante, uma literatura que expressasse a ainda incipiente brasilidade. Nesse sentido, o objetivo principal deste artigo é analisar imagens, encontradas em prosa ou poesia, publicadas em periódicos piauienses destacadamente literários, que circularam no século XIX, a fim de compreender como foi a recepção dos discursos românticos naquela região. Trata-se de pensar se as imagens literárias divulgadas no Piauí seguiam as que eram publicadas nos jornais da Corte e/ou se se relacionavam, de alguma forma, à própria província na qual foram divulgadas. Trabalhando com um corpus que se estende dos inícios da década de 1850 até fins dos anos 1880, a metodologia aqui adotada partiu da pesquisa de fontes primárias, alocadas em dois acervos específicos de acesso remoto: a Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e o Projeto Memória do Jornalismo Piauiense, da UFPI.

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo. Imprensa. Regionalismo. Nacionalismo.

ABSTRACT: It is possible to say that few literary movements were aware of their historical importance like Romanticism and, in particular, the Brazilian movement, which, in the wake of political independence, took on the mission of constituting the symbols of nationality, a heroic past and, moreover, importantly, a literature that expressed the still incipient Brazilianness. In this sense, the main objective of this article is to analyze images, found in prose or poetry, published in outstandingly literary Piauí's periodicals, which circulated in the XIX century, in order to understand how the reception of romantic discourses in the region was. It is about thinking whether the literary images published in Piauí's followed those published in the Court's newspapers and/or if they were related, in some way, to the province in which they were published. Working with a corpus that extends from the beginning of the 1850 to the end of the 1880, the methodology adopted here started from the research of primary sources, allocated in two specific remote access collections: Hemeroteca Digital, from Biblioteca Nacional and Memória do Jornalismo Piauiense, from UFPI.

KEYWORDS: Romanticism. Press. Regionalism. Nationalism.

¹ Licenciando em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Dra. Josefina Demes, Floriano, Brasil. E-mail: pedromoreira@aluno.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3203-2475>.

² Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. E-mail: natalia.g.santos@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4679-0963>.

Introdução

O romantismo foi um movimento literário, artístico, político e filosófico, surgido em finais do século XVIII, na Europa, cujo ápice se deu no século XIX. Ele se caracterizou como uma complexa visão de mundo, contrária ao racionalismo iluminista e aos padrões atemporais da estética clássica. Dessa forma, o sentimento romântico veio a embasar os influxos nacionalistas que viriam a consolidar os Estados nacionais europeus, bem como os movimentos de independência americanos. Segundo Guinsburg e Rosenfeld (2002, p. 269),

[...] começa-se a valorizar o indivíduo naquilo que o distingue de outro. E o que o distingue é sua situação social, sua sensibilidade específica desenvolvida num certo âmbito nacional e em outros elementos particulares. Assim, na medida em que é salientado o papel dos matizes particulares, o valor passa a recair no peculiar, naquilo que diferencia uma pessoa de outra, uma nação de outra, ou seja, na individualidade.

Considerando tais características gerais, compreende-se a importância desse movimento num país que acabara de tornar-se independente politicamente, caso do Brasil, em 1822. O desejo que se fazia cada vez mais forte por parte dos intelectuais da época era de autonomia literária, a qual consolidaria a nossa separação da ex-metrópole e demarcaria nossa existência no globo enquanto país civilizado, uma vez que possuir uma literatura própria era considerado, naquele momento, um índice de desenvolvimento civilizacional (GENGEMBRE, 1994). Tendo em vista esse contexto, torna-se plausível inferir que os mais significativos sinais da presença do Romantismo no Brasil sejam dados pelo sentimentalismo e, principalmente, pelo nacionalismo, traço este que transcenderá em muito as balizas temporais do século XIX, funcionando como um norte tanto para a produção literária como para a crítica, ao menos até os anos de 1950. Assim, o romantismo apareceu como “caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada” (CANDIDO, 2002, p. 20).

Como se sabe, a imprensa teve um papel fundamental na difusão e popularização do movimento romântico, por meio da publicação de poemas e, mais tarde, de prosa romântica, além da divulgação dos primeiros exercícios de crítica literária. Isso significa que foi possível publicar jornais e livros, tornando a produção cultural brasileira mais barata e, conseqüentemente, mais viável. Um exemplo dessa viabilidade é o folhetim, a publicação seriada de romances e novelas, por meio dos jornais e revistas. Dessa forma, a cada edição, havia a publicação de um capítulo da obra, o que veio a aumentar, consideravelmente, o público leitor. Então, como a imprensa era uma das principais fontes de circulação e acesso à informação de parte da sociedade do século XIX, por meio da leitura direta ou compartilhada, ela pautou-se por um tipo de “intenção pedagógica” (LUSTOSA, 2005, p. 259), ou seja, na tentativa de suprir as deficiências que a escassez de livros e de educação formal ocasionavam. Nesse sentido, incluir conteúdo literário nos periódicos estaria ajudando na consolidação do Romantismo no país e na difusão da ideia de pertencimento nacional. Já para os escritores que faziam parte da edição jornalística, tornava-se possível apresentar seu trabalho, ganhando visibilidade.



Contudo, o processo de instalação da imprensa no país se deu de forma heterogênea, seja de um ponto de vista cronológico, seja no que concerne à capacidade e variedade de produção. No Piauí, por exemplo, somente em 1832 surgiu o primeiro jornal, intitulado *O Piauiense*, em Oeiras³, então capital da província. Ferreira e Rêgo (2014, p. 4) nos informam que:

[...] os primeiros jornais do estado, O Piauiense (1832), O Diário do Conselho Geral (1833), O Correio da Assembleia Legislativa (1835) e o Telégrafo (1839), assim como alguns dos primeiros jornais brasileiros, como a Gazeta do Rio de Janeiro (1808), eram de caráter oficial, sendo assim, rotulados de áulico ou chapa branca por apresentarem como principal objetivo a manutenção de uma opinião pública favorável às ações do governo.

Isso significa um empecilho na dispersão do discurso romântico do qual temos falado aqui. Além disso, nota-se que a imprensa tinha uma função diferente da contemporânea, tendo como principal objetivo fazer a defesa de partidos políticos, cujas lideranças se encontravam em famílias rivais na província do Piauí. Assim, não tinham “nenhum caráter social ou até mesmo informativo, no sentido de apresentar realidades e ajudar na formação intelectual do seu leitor” (FERREIRA & RÊGO, 2014, p. 5). Durante toda a década de 1840, o jornalismo piauiense ainda apresentava as tramas políticas como sua temática principal, pouco se via de cultura e, quando isso ocorria, era por meio de poemas, pois eles ocupavam menos espaço na edição final. Pode-se dizer que há um descompasso considerável entre o desenvolvimento da imprensa local e o da Corte no que se refere à presença do literário e à referida intenção formativa, pois, se nessa mesma década já circulavam revistas literárias do porte da *Minerva brasiliense* (1843-45) e d’*O Guanabara* (1849-56), ali se deslindavam ferrenhas polêmicas políticas que poderiam ser aproximadas, dado o seu tom agressivo, àquelas que se desenrolaram em nossa fase pré-independência (LUSTOSA, 2003, p. 54).

Dessa forma, tendo em vista a existência e a importância do discurso romântico para a constituição da nação brasileira, bem como a “intenção pedagógica” de boa parte de nossa imprensa daquele período, procurou-se localizar e analisar as possibilidades de penetração e abrangência do referido discurso, em suas distintas fases, na imprensa piauiense do século XIX, seja por meio da literatura *stricto sensu* (textos em prosa e poesia), de paratextos (epígrafes, anúncios de obras, gravuras), ou por meio do que hoje identificaríamos como crítica literária. Assim, apresentaremos o regionalismo que foi desenvolvido nas páginas da imprensa provinciana e os autores que tiveram destaque nos oitocentos, o sentimentalismo ultrarromântico e a literatura romântica piauiense em diálogo com os acontecimentos históricos que marcaram o país.

O Regionalismo Piauiense na imprensa oitocentista

³ O relativo atraso que se apresenta aqui é em relação à Corte, que teve seu primeiro periódico impresso, intitulado *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808/1822), em 1808.



A literatura romântica piauiense na imprensa oitocentista percorreu variados caminhos. Um deles foi uma forte presença do romantismo regionalista que desembarcara nos periódicos da província. Como se sabe, o regionalismo é um movimento que busca descrever, valorizar e expressar costumes, crenças e tradições de uma determinada região. Trata-se de uma forte tendência, perceptível não apenas no século XIX, em que se dá ênfase aos interesses particulares da região onde se habita.

Assim, o regionalismo foi a principal tendência dos escritos literários do século XIX no Piauí, já que era uma forma de os escritores locais recuperarem certo atraso que tiveram em comparação ao desenvolvimento do movimento romântico em outras regiões, como o Rio de Janeiro; e também encontrar um espaço onde pudessem exaltar a sua terra. Ciarlini afirma que “as imagens locais sempre surgem na produção dos poetas piauienses, sendo raros os casos em que o intimismo não ceda ao topos da ‘vis poética’, tão presente” (2019, p. 61). Essas imagens são, em geral, o vaqueiro, o rio Parnaíba e o sertão, por meio das quais se observa uma vida rural.

Um dos escritores piauienses que mais trabalhou na construção da literatura regionalista foi José Coriolano de Souza Lima (1829-1869). De acordo com Franklin Távora, importante crítico da época, no seu artigo “Um Poeta do Norte”: “os costumes sertanistas ainda não tiveram ali tão dedicado desenhista” (*A imprensa*, 1883, nº 789, p. 4). O poeta se compraz em descrever o Norte, seus costumes, tradições, toda essa zona sertanista onde se encontra o Piauí. É o que podemos observar nesses versos:

No belo Crateús, sertão famoso,
Obra sublime do supremo artista,
Num terreno, coberto de mimoso,
Está sita a fazenda – Boa Vista –
Do príncipe Imperial, bravo e rixoso,
Vila do Piauí seis léguas dista:
Aí, num massapé torrado e brusco,
Nasceu o valoroso Touro-fusco.
(1883, p. 4)⁴.

É importante ressaltar que não só José Coriolano, mas também Theodoro de Carvalho e Silva Castello Branco (1829-1891), escritor piauiense conhecido como “Poeta-caçador”, que abordava em seus versos uma cultura de caça bastante valorizada na região, ficou relativamente desconhecido porque seus escritos ficavam, por vezes, restritos à imprensa local. Como o próprio Franklin Távora aponta, ao falar do livro de Coriolano, “cumpre, porém, observar que o livro foi enviado para a Corte”. Isso quer dizer que os escritores das províncias mais distantes tentavam inserir-se na pólis literária da época. Todavia, a maioria passava, como Coriolano, “despercebido”, tendo morrido “como muitos outros, sem leitores, sem críticas” (TÁVORA, *A imprensa*, 1883, nº 789, p. 4).

Ao se compulsar o *corpus* proposto para este trabalho, notou-se que dois periódicos se destacaram na abordagem da temática regionalista: *A imprensa: periódico político* e *A época: órgão conservador*. O primeiro é um dos periódicos mais longevos do Piauí oitocentista, tendo durado 24 anos, de 1865 a 1889. Ele contou com a participação de Deolindo Mendes da Silva

⁴ A grafia foi atualizada nos textos retirados dos jornais. Procurou-se intervir o mínimo nas citações, no entanto, em alguns casos, foi necessário acrescentar acentos ou vírgulas para precisar o sentido.

Moura (1835-1872) e David Moreira Caldas (1836-1878), dois jornalistas de grande importância na região. Um fator a ser observado é que, apesar de ser um periódico político, como o próprio subtítulo já menciona, ele abordou diversos aspectos literários de interesse. Esse é o caso de um artigo em forma de carta, chamado “Terra à terra” (*A imprensa*, 1865, nº 21 p. 4).

Nele, para além de assuntos diversos, há elogios e comentários acerca de obras de autores importantíssimos do romantismo brasileiro, como José de Alencar, Bernardo Guimarães e Fagundes Varela. Esses autores são mencionados pela carta por terem se destacado na vertente nacionalista do nosso romantismo. Nesse sentido, cumpre destacar que, na visão do missivista, Fagundes Varela seria “o único discípulo aproveitado que deixou a escola de Álvares de Azevedo”. Na sequência, o jovem autor da *Lira dos vinte anos* é duramente criticado por não ter obras de cunho nacionalista, sendo até mesmo culpado de “danificar algumas vocações nascentes, que forcejavam por imitá-lo” (*A imprensa*, 1865, nº 21, p. 4). Esse exemplo parece comprovar o pendor nacionalista d’*A imprensa*, o que talvez tenha contribuído para sua longevidade, além de ocupar-se, evidentemente, de assuntos políticos.

Já *A época* foi um periódico que durou cerca de 19 anos, de 1870 a 1889. Ele estampou poemas de grande valor para o desenvolvimento do regionalismo do estado. A título de ilustração, destaca-se o poema “O Piauí”, assinado simplesmente por “Um da velha guarda”⁵, que descreve as belezas da região, mas também mostra que nem tudo é romantizado no sertão, antecipando certa vertente de crítica que só desabrochará, de fato, no regionalismo dos anos de 1930. O seguinte fragmento é um exemplo dessa visão menos idealizada:

Minha infeliz província! Pobre, pequena,
Colocada em sertão, ínvio, agreste
Não deixas, inda assim, de ser amena,
Não tens *mancenilheira*, nem cipreste.

Teus campos férteis, planos, gramíneos,
Tuas águas finas, frias e correntes
São o melhor pousio para os gados,
E muitas vezes – também – para as serpentes.

Se não fosse o calor, o sol ardente,
E a terra pouco dócil à cultura,
A vida triste desta boa gente
Seria menos cheia de amargura.
(1880, p.4).

Outras tendências

⁵ Muitos dos poemas oitocentistas encontrados nos periódicos da província eram assinados por pseudônimos, uma forma de os escritores se resguardarem, já que muitos dos jornais eram ligados a algum partido político.



Outro campo a se observar nos achados literários piauienses é a forte influência exercida pela poesia da segunda geração romântica – também chamada ultrarromântica. Essa geração, como se sabe, foi marcada pelo sentimentalismo exacerbado, pelo egocentrismo, pelo pessimismo, que lhe conferiu alguns tons fúnebres, e pela idealização do sentimento amoroso e da figura feminina. Nas poesias piauienses, o sentimentalismo e, principalmente, essa idealização do amor e da mulher amada era uma constante. Quando os cultores dessa temática não eram os próprios poetas da província, optava-se, muitas vezes, por estampar traduções estrangeiras, além de haver espaço para a publicação de poetas de outras partes do país. Ao que parece, essa abordagem conseguiria transmitir um lado mais íntimo e subjetivo dos poetas românticos, equilibrando a tendência nacionalista/regionalista. É o que se pode ver na poesia “A esmo”, de Licurgo José Henrique de Paiva (1842-1888):

Se eu pudesse dizer-te o que é minh'alma
Quando vejo-te e escuto a voz sonora,
Eu seria feliz e não negara
Q'ela a ti somente – ama e adora.

Teu olhar me fascina; as tuas vozes,
São-me um favo do céu – assim
Embriagam-me os saibos desse favo.
E, louco – enfebrecido – perco o tino!
(1874, p. 4).

Licurgo de Paiva é piauiense, nascido em Oeiras, antiga capital do estado, e é considerado um dos precursores do Romantismo no estado. É importante mencioná-lo para se compreender como as produções de escritores locais estavam se encaminhando e também para dar voz a esses autores que foram apagados da história, tornando-se conhecidos e lembrados numa esfera muito local.

Nessa vertente, ainda destacamos Luiza Amélia de Queiroz (1846-1898), considerada a primeira poetisa do estado, trabalhando para construir uma identidade da mulher, em um contexto muito restrito à participação dessa em qualquer ambiente. Os pesquisadores Pedro Pio Fontineles Filho e Wellington dos Santos Pereira afirmam que

[...] a produção literária, por exemplo, era vista como espaço essencialmente masculino, por mais que algumas mulheres se lançassem ao campo literário como fez Amélia Beviláqua⁶ ou na produção de jornais femininos direcionados e produzidos por aquele público, como o periódico feminino *A Borboleta*, a presença feminina em tais espaços era visto de forma negativa pelos literatos piauienses. (FILHO & PEREIRA, 2020, p. 72).

⁶ Amélia Carolina de Freitas Beviláqua (1860-1946) nascida em Jerumenha, região sul do estado do Piauí, foi advogada, escritora, jornalista e pioneira na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. Apesar da coincidência do nome Amélia, trata-se de outra escritora. As ações dessas duas mulheres forem muito significativas para sua região de origem, no século XIX e princípios do XX.

Tais informações apontam para a importância de se encontrar vestígios dos escritos de Luiza Amélia na imprensa piauiense, bem como sua dispersão em outras localidades. Por mais que tivesse grandes empecilhos e pouca valorização, ela não deixou de produzir literatura, como evidenciam os títulos de sua autoria: *Flores incultas* (1875) e *Georgina ou Os efeitos do amor* (1898), que evidenciam a sua tentativa de inserção no campo literário local. A colocação dos pesquisadores também pode explicar o porquê de o periódico *A Borboleta: mimo ao belo sexo* (1888) não ter tido tantas edições: além de não estar ligado a nenhum partido político, ele foi dirigido por mulheres. Como explicitado por meio do jornal *A imprensa*, os periódicos políticos duravam muito mais e, principalmente, por serem redigidos e organizados por homens.

É importante ressaltar que a literatura romântica publicada na imprensa do Piauí não estava desvinculada das tendências da Corte, como se nota pela alta presença de poesias de cunho sentimental, e até do exterior, pois dava espaço a traduções de obras estrangeiras, principalmente as francesas, com destaque para as escritas em prosa. Parte dos folhetins que foram encontrados durante a pesquisa era composta de traduções de obras provenientes da França. Um exemplo é a novela histórica encontrada no periódico *O recreio literário* (1851), chamada “Mademoiselle de Clermont” (1802), da escritora Caroline-Stéphanie-Félicité (1746 – 1830), a condessa de Genlis. Tal novela se passa na época do reinado de Luís XV e conta a história de um relacionamento amoroso impossível, dadas as diferenças sociais irreversíveis, numa sociedade fortemente hierarquizada. Abaixo, segue a descrição da bela protagonista, que se apaixona pelo duque de Melun, um rico homem, mas não um nobre:

Mademoiselle de Clermont recebeu da natureza, e da fortuna todos os dons, e todos os bens que se podem desejar: um nascimento real, uma beleza perfeita, um espírito engenhoso, e hábil, uma alma sensível, e aquela afabilidade, aquela uniformidade de caráter, tão precioso, e tão raro, sobretudo nas pessoas de sua classe. Simples, ingênua, e discreta, ela se exprimia sempre com graça e precisão; descobria-se em sua conversação tanta racionalidade como encanto; o som da sua voz se insinuava até o fundo dos corações, e sua sensibilidade expressiva espalhada sobre toda a sua pessoa, dava graça até suas menores ações: Mademoiselle de Clermont aos 20 anos de idade. (*O recreio literário*, 1851, nº 01, p. 7).

A tradução ocupa três páginas do periódico, cujo total era de dezoito páginas, e promete continuação. Mas, ou o projeto jornalístico não prosperou, ou as demais edições foram perdidas, uma vez que, nos arquivos consultados, só há registro da 1ª edição. Vale destacar o empenho dos redatores em estampar um assunto tão distinto da realidade local, sugerindo a necessidade de evasão que a literatura buscar suprir.

Ainda no campo da prosa, há também Camilo Castelo Branco, renomado escritor português do século XIX, destacando-se na província com seu folhetim *Vinte horas de liteira* (1864). Esse foi um dos mais extensos folhetins já publicados nos periódicos piauienses: estendeu-se por cerca de nove meses n’*A pátria* (1870/1872), atestando que “a capital piauiense afinava-se com o que era produzido fora” (FILHO e PEREIRA, 2020, p. 66). Esse movimento de oscilação entre França e Portugal não se deu apenas no Piauí oitocentista, mas sim no Brasil todo, como se pode ver na seguinte citação, proveniente de um arguto observador do fenômeno literário daqueles tempos:

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i25.p387-398>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 25 (vol. 12), p. 387–398, Jan-Abr/2022

A nova corte erudita pode dividir-se em duas: uma é Lisboa, a outra que constitui a quase totalidade, é Paris. Data de pouco tempo a nossa atenção para Alemanha e Inglaterra. As literaturas da América do Norte e da Latina, do Pacífico e Rio de Prata são desconhecidas entre nós. O movimento literário do México e Buenos Aires ninguém o sabe aqui. Os livros portugueses e livros franceses – eis os polos em que gira o nosso gosto literário. (TÁVORA, 1883, p.4).

Ainda demonstrando essa interligação da província com o exterior, pode-se dizer que foram encontradas muitas epígrafes de autores de grande renome do movimento romântico, como Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Victor Hugo e Goethe. Esses medalhões eram, por vezes, utilizados para legitimar os versos que vinham a seguir, dando o reconfortante sentimento de parentesco já enunciado por Antonio Candido (1993).

Assim, se na pólis da literatura nacional, o Rio de Janeiro, o gosto literário era dominado por livros portugueses e franceses, como afirma Franklin Távora, compreende-se que o espaço dado a autores da província era bem restrito, ainda mais porque eles tinham que disputar o espaço com outros autores brasileiros. Na verdade, essa disputa poderia se dar até mesmo nos jornais que circulavam no estado, já que, considerando a restrição de espaço que essas folhas impunham à literatura, a opção pela publicação da produção estrangeira, como se viu com o exemplo de “Mademoiselle de Clermont” implica dificuldade para autores locais que abordam uma literatura autônoma, como o regionalismo, terem destaque com suas obras.

Jornais da década de 1880

Em oposição à tendência sentimental apresentada anteriormente, temos os vestígios românticos ligados a algum evento político importante à época, abordados principalmente por autores locais. As imagens mais vistas, nessa seara, remetem à Guerra do Paraguai e à campanha abolicionista. Os escritores piauienses oitocentistas se utilizavam da literatura como um “instrumento de polêmica, geralmente transvertida em sátira, em relato ou mesmo no terreno da metalinguagem” (CIARLINI, 2019, p. 45), ou seja, é nesse contexto que começam a fervilhar produções literárias que dialogam de alguma forma com acontecimentos que marcaram a sociedade da época.

Exemplo disso é, novamente, a carta remetida por P.C. a Flávio Reimar, intitulada “Terra à terra”. Na verdade, tem-se aí uma espécie de “crônica que perpassa vários assuntos, como as questões do dia e da literatura, [ela] foi publicada, inicialmente, pel’ *O Publicador* (1865, n. 930, pp. 3-4), jornal da Paraíba” (SANTOS, 2021, p. 38), sendo republicada na sessão “Literatura” do periódico *A imprensa*, em 1865. O texto faz menção a uma jovem que saiu do Piauí, vestida de homem rumo ao Rio de Janeiro, para se voluntariar para lutar na Guerra do Paraguai. Trata-se da mítica Jovita Feitosa, conhecida como a Joana d’Arc brasileira. O fato de ser um texto coligido de outro jornal sugere tanto a atenção para fatos da época quanto o recorte de notícias que dessem



notoriedade a própria província do Piauí, já que o fato de uma mulher, no caso, piauiense, querer partir para a frente de batalha causou comoção no tempo.

É relevante mencionar que os jornais piauienses da década de 1880 estavam dialogando simultaneamente com os do restante do país. Nesse período, o governo central sofria grande pressão para que a escravidão fosse abolida. Então, os jornais dessa época se ocupavam da temática da campanha abolicionista. Um periódico de destaque, nesse sentido, é *O abolicionista* (1884), como o próprio nome já aponta, ele ocupava-se de noticiar e apresentar obras que denunciavam o contexto escravocrata. Uma das obras ali publicadas é “Histórias Tristes”, de Nascimento Filho:

Idália era uma rapariguinha formosa e delicada, como pode ser a menina do mais deslumbrante e aristocrático salão. [...]

Um outro qualquer, que não fosse observador, desses que penetram até o íntimo do coração humano, não poderia explicar a causa pela qual já tanto sofria, em tão tenra idade, a mimosa violeta do prado; mas o homem verdadeiramente perscrutador adivinharia que aquela jovem sublime era uma vítima da perversidade dos homens, pertencia a uma raça deserdada e amaldiçoada do século, e que sobre os seus débeis e elegantes ombros pesava, com todas as consequências fatais, *esse direito de propriedade* tão apregoado pelos inimigos acérrimos do progresso, da luz e da civilização.

Idália era escrava!

Nascida debaixo do nevoento céu de Minas, desse centro da escravatura brasileira; desse teatro dos dramas mais horrorosos e degradantes; dessa vergonha do nosso país, ela teve por berço uma nojenta esteira, e por teto – uma senzala. (1884, p. 3).

O conto narra a história de Idália, uma mulher formosa e delicada, que teve o infortúnio de ser escravizada no estado de Minas Gerais. Essas e muitas outras injustiças que a escravidão trouxe marcam os periódicos desse período. Nascimento Filho⁷ foi um escritor de Teresina, importante à época, chegando a ocupar uma cadeira no Clube Literário Teresinense⁸, juntamente com outros escritores piauienses que o tempo apagou.

Considerações finais

⁷ Não foi possível encontrar uma biografia do autor Nascimento Filho. Os únicos achados disponíveis foram os apresentados, coletados no periódico *A floresta*. Essas lacunas demonstram que, mesmo após o esforço de organização levado a cabo pela Hemeroteca Digital e pelo projeto Memória do jornalismo piauiense, muitos materiais foram perdidos.

⁸ No periódico *A Floresta: órgão do progresso e noticioso* (1882 nº 03, p. 2) é apresentada uma espécie de sessão onde é definida uma lista de escritores que foram nomeados para ocuparem cadeiras no Clube literário Teresinense, que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento literário na região.



Os jornais do Piauí, por mais que estivessem em um relativo descompasso em comparação aos da pólis nacional, o Rio de Janeiro, trouxeram obras de valor para a divulgação de uma literatura romântica, já que um dos pressupostos do romantismo era criar uma literatura autônoma, valorizando o particular de cada região, o que, conseqüentemente, fortalecia a unidade nacional. Por esse motivo, os periódicos políticos, mais longevos, davam mais espaço, em geral, à literatura regionalista, ressaltando as características locais a fim de despertar um sentimento nacionalista no público leitor, de apego ao território. Isso demonstra que a literatura e a política andavam lado a lado na imprensa piauiense.

Considerando o objetivo mais amplo colocado por este trabalho, o de rastrear a presença e a recepção dos diferentes discursos românticos na imprensa do Piauí no século XIX, é possível, para além do que foi possível constatar, lançar algumas hipóteses que, ao serem aprofundadas por outras pesquisas, podem vir a se confirmar ou não. A partir da leitura do *corpus* aqui proposto, notou-se que os escritores locais não pareciam acompanhar, de maneira estrita, as três gerações românticas, que geralmente se encontram descritas nas histórias literárias. Por mais que eles citassem autores que se destacaram no romantismo nacional e internacional, a sua produção parece trilhar um caminho disperso em relação ao que estava vigente na época. Isso é algo que, a princípio, poderia ser entendido como um certo atraso, uma vez que, mesmo na década de 1880, ainda se podia encontrar obras indianistas e ultrarromânticas ao lado de textos abolicionistas.

Se se considerar isso como atraso, ele pode ser explicado pelo fato do “pequeno desenvolvimento da imprensa cultural na região, que veio a ser mais significativo nas décadas de 1870 e 1880, ao observarmos o aumento do número dos jornais totalmente dedicados à literatura” (SANTOS, 2021, p.46). Em outras regiões, como a província vizinha do Maranhão, denominado Atenas brasileira no período, a produção jornalística estava muito à frente em relação à do Piauí.

Porém, também é possível analisar a situação por uma outra ótica e, para tanto, recorre-se à reflexão de Márcia Abreu acerca da rigidez das histórias literárias:

Orientadas pelas mudanças de padrão estético ocorrida nesses países [França, Inglaterra e Alemanha], as histórias literárias brasileiras, produzidas a partir do final do século XIX, buscaram identificar produções semelhantes em língua portuguesa e, como é evidente, as encontraram em momento posterior ao de sua origem europeia, o que deu origem a uma ideia de ampla penetração nos estudos literários: o atraso. (ABREU, 2016, p. 32).

Dessa forma, tem-se uma relação conflituosa em relação ao termo “atraso”, porque quando se olha a história literária escrita sobre o romantismo, com suas fases e marcos bem definidos, a literatura produzida e/ou em circulação no Piauí parece estar sempre atrasada, pois os marcos e as fases, em geral, consideram apenas a pólis para serem demarcados e estes, por sua vez, já estão em atraso em relação às demarcações europeias. No entanto, por meio da pesquisa em fontes primárias – neste caso, nos jornais – pode-se observar que as transições de um estilo a outro, as gerações literárias, são menos demarcadas, com várias tendências convivendo ao mesmo tempo. Talvez, ao



se folhear um jornal paulista do final do século XIX, fosse encontrado um poema ultrarromântico.

Então, a ocorrência simultânea das três fases da literatura romântica brasileira no periodismo do Piauí não significa, necessariamente, um “atraso”. Certamente, existe um descompasso em relação a outros estados. Mas, as ideias literárias estão circulando mais livremente do que a rigidez da história literária permite supor, ressaltando potencialidade do uso de jornais e revistas na pesquisa acadêmica.

Referências

ABREU, Márcia. A Ficção Como Elemento de Conexão Cultural. In ____ (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos, 1750-1880*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

____. “Literatura comparada”. In _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 211 a 215.

____. *O Romantismo no Brasil*. 2ª ed. Associação Editorial Humanitas, 2004.

CASTELLAMARE, Pietro. Terra à terra. *A imprensa: periódico político*, Teresina, 16 dez. 1865, n. 21, pp. 3-4.

CIARLINI, Daniel Castello Branco. *Imprensa e Literatura Piauiense na República Velha: Gênese de um Campo e Circuitos Literários*. 2019. 336f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

FERREIRA, Vinícius Ribeiro Cordão & RÊGO, Ana Regina Barros Leal. Do Jornalismo Político a Visibilidade Literária: O Panorama da Imprensa Piauiense no Século XIX. *Revista Temática*, João Pessoa, Ano X, n. 09, pp. 122-139, Setembro/2014.

FILHO, Pedro Pio Fontineles & FERREIRA, Wellington dos Santos. Nos domínios do Sexete: História, Sociedade e Cultura nos Folhetins em Teresina-PI, na segunda metade do século XIX. In ALVARENGA, Antônia & NETO, Marcelo de Sousa (org.). *A História sob múltiplos ângulos*. Teresina: Ed. da UESPI, 2020.

GUINSBURG, Jacó & ROSENFELD, Anatol. Classicismo e Romantismo. In: _____. *O romantismo*. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2002.

LUSTOSA, Isabel. O Macaco Brasileiro: um jornal popular na independência. In ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK Nelson (org.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2005.

____. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.



MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A Educação dos Leitores e a Formação do Sistema Literário Piauiense. *Scientia et Spes: revista do Instituto Camilo Filho*. Teresina, ano 1, n. 1, pp. 113-132, 2002.

NASCIMENTO FILHO. Histórias Tristes. *O abolicionista*, Teresina, 1884, nº 03, p. 3.

PAIVA, Licurgo de. “A esmo”. *A Opinião Conservadora*. Teresina, 1884 nº 13, p. 4.

SANTOS, Natália Gonçalves de Souza. Romantismo na Província: vestígios alvaresianos na imprensa piauiense (1853/1912). *Travessias interativas*, nº 23, vol. 11, 2021.

TÁVORA, Franklin. José Coriolano. Um poeta do Norte. *A imprensa: periódico político*. Teresina, 8 set.1883, v. 789, pp. 4-5.

UM DA VELHA GUARDA. “O Piauí”. *A época: órgão conservador*, Teresina, 1880, nº 135, p. 4.

